

AINDA NA AULA MAGNA

por Mário Soares

1. Foi um acontecimento aberto onde estiveram cerca de 2.400 pessoas, sem qualquer exagero, de todas as condições sociais e de diferentes organizações políticas da Esquerda e do Centro Direita ou totalmente independentes, mas com grande sentido cívico. Numa noite fria e chuvosa.

O objectivo, como se sabe, era fazer respeitar a Constituição e o que resta do Estado Social e da Democracia. Para salvar Portugal do desastre que se avoluma. Portanto, com um objectivo puramente patriótico.

Ao contrário do que alguns especuladores da Comunicação Social, ao serviço do Governo, têm vindo a dizer, eu odeio a violência. Se falei em violência foi para prevenir as pessoas e para a evitar. Sempre fui pacifista e contrário à violência.

Mas quem não sente, o que se tem passado? Quem não percebe que paira em Portugal um profundíssimo descontentamento, contra o actual Governo e o próprio Presidente da República? Têm sido muito vaiados. Não falam com o Povo e não saem à rua sem muita segurança e as pessoas não os interessam.

Contudo, no sábado passado, pela primeira vez, o Presidente foi aplaudido. Porquê? Certamente porque percebeu - e sentiu - o que ocorreu na Aula Magna, e resolveu dizer que vai mandar para o Tribunal Constitucional o regime de convergência de pensões. As Centrais Sindicais, a CGTP e a UGT, dizem que o Presidente tomou a atitude adequada. Ainda bem. Compreendeu o que se disse na Aula Magna. Foi o significado da ocorrência que o obrigou a agir.

Repare-se que ao contrário das outras vezes, eu não iniciei a abertura da sessão de improviso e sem papel, como é habitual. Desta vez li um texto escrito. Que está ao dispor de quem o quiser ler. Porquê? Porque sabia que ao falar de violência os comentadores ao serviço do poder, iam necessariamente especular. Como fez o sempre infeliz vice-primeiro-ministro Paulo Portas, que muda de ideias como de camisas e que todos sabemos o que tem feito e refeito. Um artista...

Cito as palavras que eu li: "É preciso ter a consciência de que a violência está à porta. Ora é isso que é necessário evitar". Quem diga o contrário, mente, conscientemente. Foi por ter adivinhado o que os comentadores de serviço iriam especular, quando falei em violência, que escrevi e li o texto. E mais não digo. Não é preciso, para convencer as pessoas de bom senso. Quanto às outras, ao serviço do poder, para ganhar dinheiro, não vale sequer perder tempo.

Realmente o que se passou na Aula Magna, foi uma sessão singular pelo patriotismo e amor a Portugal. Foi da Pátria que se falou e do descalabro a que o Governo a tem conduzido - e continua - vendendo o nosso património histórico a qualquer preço. Não se discutiram os partidos nem as ideologias. Foram os patriotas de todas as tendências que ali estiveram e a entrada era livre. Para protestar contra o empobrecimento de milhões de pessoas que estão desesperadas, sem poder dar de comer aos filhos, e tantos a emigrar, sem o desejar, e até a suicidar-se ou a entrar na criminalidade.

Muitos desesperados, dizem que não pagam - nos eléctricos, nos comboios e que não pagam a este Governo, aliás o mais despesista do que todos os outros, desde o 25 de Abril. Os números que se conhecem não mentem. E Valadares Tavares disse-o na televisão, com grande rigor.

Recorde-se que no mesmo dia em que na Aula Magna se gritava contra o Governo e o Presidente da República, os polícias invadiram as escadarias do Parlamento com o apoio e os abraços dos outros polícias que deviam impedir a entrada dos manifestantes. É significativo! Como foi a decisão das Universidades e logo depois dos Institutos Politécnicos que cortaram relações com o Governo. Bem como os militares ilustres que estiveram na Aula Magna.

Ninguém ignora o desastre imenso que este Governo trouxe ao País em escassos dois anos e pouco. Julgará o Senhor Presidente, que bastará dar um passo positivo, mandando para o Tribunal

Constitucional a convergência de pensões, para que fique popular? Acha que isso é o bastante? Continuando a proteger, contra a Constituição, o seu próprio Partido e o seu aliado CDS/PP? Não é. Se voltar a defender o seu Partido e o seu aliado, como tem feito, até agora, terá de novo - como disse um seu amigo - "o caldo entornado"...

É preciso mais: demitir o seu Governo, por muito que lhe custe. Avançar para um Governo de Salvação Nacional, como sugeriu Silva Peneda, aliás seu amigo, ou qualquer outro independente, sério e competente. As alternativas existem e são mais do que sugere a Comunicação Social. Não tem razão, portanto, para teimar em só ver e agradar, contra a Constituição, repito, o seu próprio Partido.

Não basta um pequeno gesto feito, ao que parece, para acalmar o que se passou na Aula Magna. É indispensável demitir o Governo, para evitar a violência.

Lembre-se que a própria Troika não acredita neste Governo, como ninguém de bom senso. Por isso têm procurado levar o Partido Socialista a fazer um acordo com o actual Governo. Só se fosse destituído de bom senso e de dignidade o PS o faria, porque seria a sua perda. Pelo menos provisória...

Senhor Presidente, creia que não tem outra saída: demita este Governo. Não diga que o Governo é legítimo, porque não é. Tem sido e será a desgraça dos portugueses. Um governo completamente paralisado, sem rumo - e ainda por cima ultra despesista - que diz que a Constituição, que jurou, "é um bocado de papel, que não dá de comer a ninguém". Não pode, em caso nenhum, ser considerado legítimo. O formalismo não pode impor-se à Constituição nem ao bom senso da generalidade das pessoas.

A Europa está em crise mas, para bem de todos, está em mudança. Portugal nos últimos dois anos nunca se soube impor. A austeridade, de novo anunciada, é mais um desastre. A crise, ao contrário do que muitos portugueses pensam, não levará a Europa ao abismo. Não creio que isso possa acontecer, até porque então era certo que teríamos um terceiro conflito mundial. Aliás há muitos sinais de que tudo está a mudar. Medite-se no que diz Sua Santidade o Papa - e a Igreja oficial portuguesa esconde - e no acordo feito entre o Irão e a América, do Presidente Barack Obama.

Senhor Presidente, não pense que um pequeno gesto o fará popular aos olhos do nosso Povo. Só demitindo o Governo poderá conseguir que isso suceda. E que assim impeça, como eu desejo, que a violência venha aí. Reflecta nisso! A sua responsabilidade é imensa e, quanto a mim, o que quero, no fim da vida, é tão só evitar a violência.

As Autarquias vão mal

2. Depois das tão faladas eleições autárquicas, onde houve tantos vencedores ditos independentes e o PS ganhou, os autarcas eleitos estão a queixar-se de falta de dinheiro e das dívidas que têm por pagar, faltando-lhes o auxílio do Estado. É um problema muito sério como, por exemplo, na Nazaré, em Aveiro e em muitos outros Municípios.

Por outro lado os autarcas afirmam que não toleram o desinteresse do Governo, que recusa ajudá-los.

No Congresso realizado no sábado passado, da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, que elegeu como seu Presidente o socialista de Coimbra, Manuel Machado, o desinteresse total do Governo perante a situação grave em que se encontram tantos municípios foi muito criticada.

O Presidente de Coimbra e agora também da Associação Nacional dos Municípios Portugueses disse que o Governo está a assistir - cito - "ao estertor do poder local e da sua autonomia". O que é intolerável. Até o antigo autarca de Viseu, e ex-Presidente da Associação dos Municípios, Fernando Ruas, que é do partido do Governo, lamentou a tensão imensa entre o poder central e o local.

Quer dizer, de todos os lados chovem as críticas e o mal estar social criado por este Governo incompetente. Toda a gente se queixa. Até os próprios banqueiros - em quem o Governo não toca, como se sabe - e a Troika estão inquietos, e com razão, pelo descontentamento universal contra o Governo.

Será que o Presidente da República continua a pensar, apesar do passo positivo que deu no sábado, que este Governo tão odiado é legítimo? Então será o responsável principal do que pode acontecer e eu tenho feito tudo para que não aconteça.

Manuel Carvalho da Silva, antigo líder (da CGTP) e actual académico disse, numa brilhante entrevista que deu no passado domingo ao Diário de Notícias, cito: "Um dos piores desastres que aconteceram ao País foi este Presidente da República".

Não queira, Senhor Presidente, que pela sua teimosia, em só valer ao seu Partido, fique na história, com tal ferrete...

Portugal é um País de cultura

3. Sempre foi. Desde os alvares da nossa independência, uma das primeiras da Europa, cinco séculos antes de Espanha existir, como tal. Mas foi com a ínclita geração de altos infantes - como Camões lhes chamou - que a Cultura, e a Ciência, que também é cultura, se desenvolveram, à medida que Portugal foi descobrindo o Mundo e os Oceanos e os países até então desconhecidos, mas - reconheça-se - com as suas próprias culturas.

Desde Camões a Fernão Mendes Pinto, autor da Peregrinação, até à geração de 70 e depois aos seareiros da Revista Seara Nova fundada em 1921, a Fernando Pessoa e à geração do Orpheu, até aos nossos dias, com José Saramago - nosso Prémio Nobel - e António Lobo Antunes, nunca a Portugal faltaram grandes escritores e poetas. Mas também cientistas de extraordinário mérito, desde sempre. Sem eles não teríamos descoberto o Mundo e dá-lo a conhecer aos europeus.

Os pintores, os artistas plásticos e os grandes músicos, vieram depois, é verdade. Mas sempre os tivemos de extraordinária qualidade, como numa visita ao nosso Museu de Arte Antiga se pode testemunhar. Tivemos e temos, na actualidade, excelentes escritores, artistas plásticos, arquitectos, cineastas e músicos. Graças ao ilustre ministro Mariano Gago, criámos uma geração de cientistas de nível mundial, cuja maioria teve, com este Governo, de emigrar. Não nos podemos pois queixar da nossa superior cultura em todos os domínios.

Simplesmente o actual Governo entre outros terríveis malefícios, tem vindo a destruir a nossa cultura - obrigando, sem pudor à emigração dos melhores e mais jovens cientistas, economistas, escritores, arquitectos, artistas plásticos e cineastas e mulheres e homens de teatro.

Porquê? Porque há dinheiro para tudo o que interessa ao Governo - num despesismo indecente, que os números demonstram - menos para a Ciência e a Cultura, nas suas diferentes modalidades. Porque o actual Governo, como disse um fascista espanhol, no tempo da guerra civil (cito): "Quando oiço falar de cultura puxo logo da pistola".

O actual Governo talvez não use pistolas, mas quanto à Cultura, cospe no chão. Não há dinheiro a não ser para o Governo. O próprio ministro da Cultura se queixa de não ter dinheiro para nada.

É uma desgraça. Sem cultura nada se pode desenvolver. Nem o ensino - como está à vista de todos - nem as empresas e até os bancos, que fazem questão em ter bons quadros e em contribuir para as instituições culturais, a música, etc. Como em toda a parte, por essa Europa fora.

Em Portugal o Governo despesista, gasta tudo no que lhes interessa, mas para a cultura, nada. Ainda recentemente Maria João Seixas se demitiu de presidente da Cinemateca por não obter dinheiro para a poder pôr a funcionar. É outro sinal da ilegitimidade deste Governo. Será que o Presidente continuará a considerar legítimo este Governo? Aconselhe-se com a Esposa que, como antiga professora, tem cultura...

Lisboa, 26 de Novembro de 2013